

O jornal na Educação

J. C. ALENCAR ARARIPE (*)

Já escolhera o tema central da palestra que me incumbia proferir. Discorreria sobre a influência do jornal no processo educacional. Antes, porém, falaria a respeito do Dia da Imprensa, que se pretendia assinalar. Era o último ano em que tal efeméride se celebrava a 10 de setembro, quando circulou a *Gazeta do Rio de Janeiro*.

“Saiba o mundo, e a posteridade, que, no ano de 1808 da era cristã, mandou o governo português, no Brasil, buscar à Inglaterra uma impressão, com os seus apêndulos necessários, e a remessa que daqui se lhe fez importou em cem libras esterlinas!!! Contudo, diz-se que aumentará esse estabelecimento, tanto mais necessário quanto o governo ali nem pôde imprimir as suas ordens para lhes dar suficiente publicidade. Tarde, desgraçadamente tarde: mas, enfim, aparecem tipos no Brasil; e eu de todo o meu coração dou os parabéns aos meus compatriotas brasileiros”. São palavras de Hipólito José da Costa, no 5º. número *Correio Brasiliense*, por ele editado em Londres porque não existia tipografia no Brasil, muito menos condições para livre manifestação do pensamento.

O desabafo é válido, mas o informe, propriamente dito, encerra um equívoco: o material gráfico a que se refere estava no porto de Lisboa e ia ser utilizado na capital do reino. Acossado pelas tropas de Napoleão, D. João VI fugiu, às pressas, para o Brasil. Nos porões de um dos navios da frota - o “Medusa” - foram embarcados, providencialmente, os caixotes que continham a tipografia.

Antes, no Recife, ao tempo de Maurício de Nassau em 1706, bem como no Rio de Janeiro, em 1746, houve tentativas de implan-

(*) Sócio Efetivo do Instituto do Ceará.

tação dos tipos móveis. A primeira não se concretizou porque o príncipe holandês foi convocado de volta à sua pátria. Nos outros casos, porque as autoridades do reino temiam os efeitos multiplicadores da invenção de Gutemberg.

A *Gazeta do Rio de Janeiro* foi o primeiro jornal impresso em território nacional. Circulou a 10 de setembro de 1808. A data tornou-se um marco, porque nela se deu, de maneira definitiva, o ingresso do Brasil na era da tipografia. Por isso, erigiram-na, e por dilatado período, Dia da Imprensa.

A partir de agora, em virtude de projeto do gaúcho Nelson Marchezan, aprovado no Congresso e sancionado pelo Presidente da República, a efeméride será comemorado a 1º. de junho. Porque é desse dia e mês a edição inaugural do "Correio Brasiliense", em 1808.

Pretende-se, desse modo, reverenciar a memória de Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça - que é o seu nome completo - o jornalista que prestou assinalados serviços ao Brasil, abordando com extraordinária clarividência os problemas de então. Nenhum estadista fez mais pela causa da Independência do que ele, proclamou o historiador Varnhagem.

Falando de jornal

Ao longo de muitos anos de atividade no batente da redação, registrei, sempre, como fato altamente promissor, atestado de mentalidade nova e saudável, a curiosidade crescente em torno da vida e do funcionamento do jornal.

Com muita frequência, jovens das nossas escolas, tanto da capital como do interior, visitavam, como hoje ainda o fazem, instalações dos órgãos de imprensa, procurando inteirar-se de particularidades que outrora ficavam restritas aos profissionais.

Também já não é novidade a realização, em educandários de Fortaleza, de conferências e até de cursos sobre a atividade jornalística, em promoções de cunho cultural, cuja significação ultrapassa as perspectivas do presente para projetar-se futuro adentro.

O jornal está numa encruzilhada. Não é mais o soberano absoluto no mundo das comunicações. O rádio e a televisão disputam-lhe a preferência do público. Não é só a concorrência da notícia, porque esta tem no jornal o veículo ideal de sua difusão. Não fica restrita a dados gerais. É mais extensa, alonga-se em detalhes. E tem esta característica marcante: fica gravado no papel, assegura a sua permanência. Neste tocante, o rádio e a televisão, ao contrário das primeiras suposições, concorrem para levar milhares de pessoas à leitura dos diários, porque neles encontram os pormenores do acontecimento de que antes tiveram conhecimento, rápida e perfuntoriamente.

A disputa acirrada é na parte econômica, porque comerciantes e industriais têm, no Brasil e em outras partes do mundo, alternativas para o anúncio dos seus produtos. Tal ocorrência repercute na existência do jornal, que não pode manter-se só da circulação, da venda de exemplares. É uma empresa industrial, que enfrenta o alto custo da produção, e com encargos elevados no tocante a pessoal. A publicidade é a sua maior e mais compensadora fonte de renda.

E aí reside um perigo: a proeminência do interesse financeiro compromete o jornalismo sério, denunciava-se no fórum internacional "Notícias, Tradições e Transições", realizado no Rio de Janeiro, em 1997. Indiscutíveis, as lesões causadas pelo ideologismo fanático, o partidarismo tacanho, a vaidade mórbida, resumindo: a falta de ética da boca do cofre até a projeção indevida de eventos.

Nas últimas décadas, jornais tradicionais desapareceram em todos os países. Nos Estados Unidos, fenômeno idêntico vem se verificando e ali é freqüente a fusão de organizações jornalísticas, como meio de evitar mal maior. No Brasil, as dificuldades não são menores. Na nossa Fortaleza quantos jornais, de que fomos contemporâneos, não desapareceram na voragem do tempo?

O dia de amanhã

De maneira que, em meio a constatações tão desalentadoras, é motivo de regozijo, para os que compreendem o papel relevante da imprensa escrita, observar que, em torno dela, se alarga o círculo

de interesse, particularmente, no seio da juventude, que é o dia de amanhã. Anote-se, ademais, que uma pesquisa recente apontou para o crescimento da circulação dos jornais em percentual superior a 30%. É preciso, contudo, não pensar limitado ao imediatismo do cotidiano. Cumpra assegurar, no porvir, a sobrevivência do jornal.

Não foi por outro motivo que o *New York Times* tratou, muito cedo, de investir nos colégios da maior metrópole americana. Desejava, por esse meio, concorrer para criar o hábito da leitura entre os moços, para ter a segurança de que, na idade madura, não lhe faltariam eles com o seu apoio e preferência.

Reportando-me a tais aspectos da atualidade jornalística, queria sensibilizar a boa vontade e o idealismo do estudante e conduzi-lo ao exame de um problema que lhe fala de perto, porque diz respeito à sua formação intelectual.

Sim, meus amigos, porque um bom jornal é uma fonte permanente de atualização e cultura geral. Alguém o classificou como “a história do mundo em um dia”. Já o conceituaram como “o prontuário da natureza humana no presente”. E é extremamente feliz esta definição: “A universidade do homem médio”.

Sabemos o que é uma universidade e temos consciência da missão que ela desempenha. Reúne um conjunto de institutos de altos estudos, que difunde os mais variados ensinamentos, propiciando a formação de técnicos em diversificada área científica.

Eis o jornal moderno. É a universidade do homem médio. Mas nem sempre foi assim. Houve época em que o seu campo de ação era muito restrito. Os setores que cobria muito reduzidos. Estava, porém, de acordo com o tempo. As universidades antigas também não eram como as universidades de hoje.

A evolução dos meios de comunicação e as conquistas técnicas, entre as quais avulta o computador, deram ao jornal outras possibilidades e dimensões bem mais amplas. Mantém-nos, o jornal, em contato com assuntos locais, nacionais e estrangeiros os mais diversos. Brinda-nos, o jornal, com estudos históricos, literários, políticos e econômicos, que de outro modo ficariam limitados a um círculo ainda reduzido dos que compram e lêem livros. Enfim, é um elemento de integração do homem no mundo moderno.

Jornal e conhecimento

Nem sempre se apercebem vastos setores da população do que nos proporciona o jornal. Deparei-me, certa vez, com estatística dos Estados Unidos, evidenciando que um terço dos conhecimentos adquiridos por cada americano, ouvido na pesquisa, resultava da leitura sistematizada dos diários.

Comprovado está também nos Estados Unidos que os alunos que utilizam jornais em sala de aula têm desempenho em testes de leitura, redação e conhecimentos gerais 15% melhor do que os demais.

Com o slogan "Quem lê jornal sabe mais", *O Globo*, do Rio de Janeiro, promoveu campanha, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação e Cultura, com o objetivo de incentivar a leitura entre os alunos das escolas mantidas pela Prefeitura. Após palestra de um jornalista na escola, os alunos recebiam exemplares do jornal durante 15 dias para estudo e debates.

A "Folha de S. Paulo" desenvolve uma série de atividades para estimular o uso de jornais na educação. Cerca de 1.200 escolas, entre públicas e privadas, já foram atendidas no programa, que compreende treinamento de professores, cerca de cinco mil, e distribuição de material didático.

O *Diário do Nordeste* implanta, em Fortaleza e no interior do Estado, projeto intitulado "Jornal na sala de aula", que se auspícia plenamente vitorioso pelas adesões recebidas e em perspectiva. Novas escolas, tanto da capital como de outros municípios, fortalecem a cruzada.

A presença do jornal na educação é um procedimento antigo em países com alto nível de desenvolvimento. No Brasil, tenta-se difundir essa praxe. Ainda bem. Jornal, que mereça esse nome, é instrumento de modernização na sala de aula e torna o ensino mais intuitivo. Parte-se de um fato para a prospecção histórica, geográfica ou que outra natureza tenha. Favorece a compreensão da realidade pela curiosidade que desperta.

Tudo que se fizer nesse sentido é positivo e de profunda repercussão.

(Palestra proferida na sessão do dia 5 de outubro de 1999).